O retrô que fascina

O passado está nas roupas, no estilo de vida e até nos empreendimentos dos jovens millenials e da geração Z. Mas, afinal, de onde vem esse sentimento?

Carlos Vieira/CB/D.A.Press



POR AILIM CABRAL, GIOVANNA FISCHBORN E LETÍCIA MOUHAMAD*

Atire a primeira pedra quem nunca procurou playlists com sucessos do passado na internet, daqueles que, de tão marcantes, merecem ser cantados em grupo e com a devida emoção, para matar a saudade de "tempos mais simples", como descrevem alguns. Teste chamar os amigos para uma noite de karaokê e veja quais músicas serão cantadas com mais dedicação. Não tem erro. De Chitãozinho e Xororó a Avril Lavigne, ao menos um hit você saberá de cor.

Há, inclusive, quem ainda prefira escutar canções à moda antiga, pelo rádio, com CDs e até com discos de vinil, os queridinhos das lojas de antiguidades, que somados a uma decoração vintage criam o clima perfeito para aqueles que se consideram nostálgicos. E até o que se produz hoje tem um pé no passado, seja na melodia, seja no conceito dos clipes, como têm feito Harry Styles e The Weeknd em seus últimos lançamentos.

As séries não ficam de fora do revival. Recentemente, com a estreia da quarta temporada de *Stranger Things*, da Netflix, a música *Running up that hill (A deal with God)*, da cantora inglesa Kate Bush, ocupa há vários dias o topo da parada global do Spotify. Detalhe: a canção é de 1985. De forma semelhante, a segunda temporada de *Euphoria*, série da HBO, foi totalmente gravada em formato analógico com o filme Kodak Ektachrome, de 35mm. Em tons vibrantes, o objetivo da produção era justamente trazer à tona o sentimento de rememoração.

E o que dizer das roupas e maquiagens retrôs, referências que mais se transformam e se adaptam temporalmente? Não à toa, filmes como *As Patricinhas de Beverly Hills* e *Meninas Malvadas* sempre são lembrados quando o assunto é moda — os conjuntos, por exemplo, voltaram com tudo. Pensando em todos esses elementos, a *Revista* conversou com pessoas que não abrem mão de incluir o passado em seus cotidianos e enxergam valor no que não foi esquecido (ou quase foi) pela geração digital.

Com um olho no futuro

A maquiadora e cabeleireira Nayara Watanabe Maluf Furuuchi, 26 anos, está no time que gosta de manter o passado entrelaçado ao presente. Enquanto se prepara para dar passos em direção ao futuro e se esforça para não se deixar dominar pelo medo do amanhã e pelo imediatismo, ela olha para trás em busca de conforto. "A nostalgia vem muito de lembrar de coisas que te faziam bem em uma época em que não existia a preocupação com os boletos, por exemplo. Músicas e filmes que víamos antes viram uma porta de volta para lá", acredita Nayara.

E, mesmo vivendo com referências dos anos 1990 e 2000, Nayara afirma que é necessário manter um equilíbrio, sem fugir do futuro. "Entendo que a nostalgia vem e vai e não podemos viver no passado. Percebo essa parte boa de relembrar com músicas, filmes e roupas de forma semelhante às comfort foods. É bom, mas não é a realidade de todo dia", pondera.

Do primeiro ano da geração Z, ela confessa que seus gostos se assemelham mais aos dos millennials. *De repente 30* e *O diabo veste Prada* são alguns dos preferidos de Nayara, junto com